

# O AMBIENTE VIRTUAL COMO ESFERA PÚBLICA DE PARTICIPAÇÃO CIVIL: ANÁLISE DO PORTAL DIALOGA BRASIL<sup>1</sup>

Alessandra de Castilho<sup>2</sup>

## Resumo

A pesquisa aborda as tecnologias e os novos espaços online como esfera pública virtual e ambiente democrático de manifestação da sociedade civil. No campo da política, esse efeito deve ser estudado, uma vez que pode ter efeitos diretos na esfera governamental. A proposta é acompanhar o crescimento e as mutações gradativas do engajamento da sociedade civil nas questões de políticas públicas por meio desses novos espaços de interação. Para isso acompanhou-se o lançamento do Portal Dialoga Brasil, uma plataforma nos moldes das mídias sociais de Internet, criada pela Secretaria Geral da Presidência da República para participação da sociedade civil em temas de importância para o governo federal. Como base teórica, pauta-se em Castells, Recuero, Habermas, Lévy, Matos, entre outros. Como foi lançado em 28/07/2015, serão apresentadas as avaliações iniciais do Portal e apontará para algumas tendências que poderão se confirmar na condução da pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Participação. Democracia. Internet. Esfera Pública Virtual. Portal Dialoga Brasil.

## ABSTRACT

*The research addresses the technologies and new online spaces as virtual public sphere and manifestation of democratic environment of civil society. In the political field, this effect should be studied, since it can have direct effects in the government sphere. The proposal is to follow the growth and gradual changes in civil society engagement in public policy issues through these new spaces of interaction. For that accompanied the launch of the Portal Dialoga Brasil, a platform along the lines of social media Internet, created by the General Secretariat of the Presidency for participation of civil society on issues of importance to the federal government. As a theoretical basis, guided in Castells, Recuero, Habermas, Lévy, Matos, among others. How was released on 07.28.2015, the initial portal evaluations will be presented and point to some trends that may be confirmed in the conduct of research.*

**KEYWORDS:** Participation. Democracy. Internet. Virtual Public Sphere. Portal Dialoga Brasil.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao GT 4 – Imagem, Opinião Pública e Democracia do XIV Congresso XII Congresso Brasileiro de Comunicação Política e Marketing Eleitoral – Rio de Janeiro (RJ)

<sup>2</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC - UFABC, e-mail: ale\_castilho@hotmail.com

## O ADVENTO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA INTERNET

Com a chegada da internet ocorreram mudanças expressivas nos meios de interação social, principalmente, a partir da década de 1990 em que esse fenômeno transcendeu seus objetivos militares e começou a ser incorporado pela sociedade como um todo (LAMBLET, 2012). A partir desse período, as pessoas passaram a se comunicar, buscar e produzir informações no ambiente online. Esse momento representa um marco nos processos de interação da humanidade, principalmente diante do surgimento das mídias sociais digitais. Para Santos (2012), a internet deixou de ser uma rede de computadores e passou a ser uma rede de pessoas. Mainieri e Ribeiro (In OLIVEIRA e MARCHIORI, 2012, p.248) complementam esse pensamento: “[...] observa-se que o surgimento das mídias sociais acarreta mudanças nas formas de se pensar e de se fazer a comunicação e, conseqüentemente, nas formas de interação social.”.

Contudo, antes de aprofundar a discussão proposta para esse tópico torna-se pertinente um breve adendo sobre o tema em questão. Redes Sociais ou Mídias Sociais? Mesmo sendo comumente utilizados como sinônimos, esses dois termos se diferem conceitualmente. De maneira sucinta, pode-se dizer que as redes sociais representam uma prática humana muito antiga (CASTELLS, 2003), referem-se aos relacionamentos de grupos com interesses semelhantes e não estão limitadas a uma estrutura ou meio. Já as mídias sociais são, exatamente, os meios pelos quais as pessoas exercem esses relacionamentos.

Compreende-se, portanto que as redes sociais virtuais ocorrem por meio das mídias sociais digitais (DEGÁSPERI, 2012). Diante desses esclarecimentos, contempla-se, neste trabalho, a compreensão do contexto e da dinâmica das mídias sociais difundidas, essencialmente, por meio da internet.

Mesmo durante seus momentos menos interativos, as mídias sociais online já permitiam processos comunicacionais, entre usuários e rede, mais dinâmicos e inovadores do que aqueles proporcionados pelas mídias tradicionais (TV, Rádio, Revistas etc.). Neiva, Bastos e Lima dizem que:

[...] a comunicação e a interação não podem ser considerados fenômenos novos. Desde o surgimento da linguagem e da vida em sociedade, são atividades inerentes aos seres humanos. A inovação está na utilização cada vez mais intensa, das tecnologias da informação e comunicação para a produção e circulação de mensagens (NEIVA, BASTOS & LIMA, 2012, p. 191).

Porém, alguns autores, ao proporem a contextualização histórica da internet, definem seu primeiro momento como uma mídia estática e praticamente descartam os processos interativos existentes nesse período. Em contrapartida a esses pensamentos, Lemos e Santaella (2010) propõem uma visão evolutiva dos níveis de relacionamento existentes na internet. De forma concisa, fazem uma contextualização dos avanços dessas mídias destacando suas peculiaridades, usos, funções e níveis de interação. O processo descrito pelas pesquisadoras refere-se à evolução, do que elas denominam como mídia social monomodal à mídia social multimodal.

Enquanto a mídia social monomodal é classificada como o acesso a uma rede de informação que liga um ponto fixo a outro, representando basicamente o relacionamento instantâneo entre usuários, a mídia social multimodal traz à tona um patamar de interação mais complexo, caracterizando-se, principalmente pela convergência de diversas mídias em uma mesma plataforma, a participação ativa dos usuários e o amplo fluxo de informações (LEMOS E SANTAELLA, 2010).

Seguindo a evolução embasada nos estudos de Lemos e Santaella (2010), em um segundo momento - final do século XX e início do século XXI - emergem as mídias de caráter mais interativo que essas primeiras e se aproximam das características da mídia multimodal. São àquelas que permitem compartilhamento de arquivos, entretenimento, contatos profissionais e marketing social. Exemplos clássicos dessas mídias são: Napster e Blogger em 1999, My Space, Second Life e LinkedIn em 2003 e Orkut em 2004 (DANTAS, 2012).

De modo a consagrar o conceito evolutivo das mídias sociais online, surgem, a partir de 2005, as chamadas multimodais, em que os usuários são os produtores de conteúdo, atuando como fonte de informação para todas as pessoas presentes em suas redes de contato.

Para Martini, citado por Rossi (2011), as mídias sociais contemporâneas, assim como as ágoras de Atenas, porém em uma plataforma virtual, são espaços em que os indivíduos expõem suas ideias, debatem e trocam experiências.

Dentre as diversas mídias sociais existentes atualmente, é possível destacar algumas mais utilizadas nos processos de interação entre os usuários, são elas: Facebook, Twitter e You Tube. Para Lemos e Santaella (2010), o processo de convergência existente entre essas mídias sociais multimodais é um dos principais fatores que as diferem das monomodais. Isso significa que, além das peculiaridades interativas existentes em cada uma, elas ainda possuem a capacidade de se interligarem.

Assim, Terra apresenta um conceito esclarecedor sobre o perfil do usuário participativo nas mídias sociais, ela o denomina "usuário-mídia" e define:

Entendemos que o usuário-mídia é um heavy user tanto da internet como das mídias sociais e que produz, compartilha, dissemina conteúdos próprios e de seus pares, bem como os endossa junto às suas audiências em blogs, microblogs, fóruns de discussão on-line, comunidades em sites de relacionamento, chats, entre outros. Acreditamos que existam níveis de usuário-mídia: os que apenas consomem conteúdo e replicam; os que apenas participam com comentários em iniciativas on-line de terceiros; e os que de fato produzem conteúdo ativamente. (TERRA In CORREA, 2012, p, 53),

Diante dos aspectos apresentados, percebemos a forte tendência dos usuários em utilizarem as mídias sociais como forma de expressar livremente suas ideias e de se aproximarem ativamente de questões globais de âmbitos políticos, econômicos, culturais, sociais e ambientais.

## **As novas relações interpessoais e sua influência na comunicação**

Neste trabalho, a internet é muito mais que a representação de um avanço tecnológico e é compreendido como fenômeno social, uma vez que tem sido responsável pela formação de novas interações sociais, antes impossibilitadas pelas limitações geográficas.

A internet é a única mídia que permite combinar o poder da comunicação de massa de emitir uma mensagem e alcançar grande audiência com as possibilidades de interação e feedback. A internet oferece meios de anunciar produtos, vendê-los, responder a solicitações dos consumidores e finalmente fidelizá-los; os pontos fortes dessa nova mídia são: a interatividade, flexibilidade, monitoramento e segmentação (CASTRO, 2000, p 3).

Essa é a principal diferenciação da internet para as demais mídias tradicionais, e o que exatamente a coloca como objeto de estudo de pesquisadores que buscam por mais informações sobre as novas redes de relacionamento que são geradas sobre essa nova plataforma de comunicação que abre um espaço para discussões e debates. Recuero (2004, p.7) defende que “funcionam com o primado fundamental da interação social, ou seja, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação e, portanto, podem ser utilizadas para forjar laços sociais”.

Essa interação pode ser interpretada como exemplo de sociedade organizada de Castells, que tem a tecnologia como mediadora da comunicação entre humanos através da rede.

(...) as redes sociais fizeram com que as pessoas tivessem maior liberdade de expressão.  
(...) as pessoas poderiam usar isso de forma mais interessante. Existem na rede movimentos bastante positivos, por exemplo, em apoio à saúde da mulher. Então, utilizar as redes sociais para dar vazão à indignação pode ser ruim, mas tem lados positivos. As redes sociais têm essa dimensão que é muito boa. É a possibilidade de expressão (NUNES, 2009).

Porém, uma corrente teórica da comunicação, em que fazem parte Wolton e Dahlgren, tem se dedicado a analisar de forma crítica as mudanças que as novas tecnologias da comunicação estão ocasionando na forma de se relacionar em grupos. Apesar da visão crítica destes pesquisadores, vale ressaltar que ambos reconhecem que antes da chegada das mídias digitais, por conta das barreiras de espaço, estes grupos teriam poucas chances de se encontrar e manter relacionamentos por afinidades.

Por outro lado, analisam os malefícios que essa nova forma de se comunicar, livre e sem mediações, tem ocasionado a própria convivência em sociedade. O “falar” teria conquistado uma desejada autonomia ao prescindir da intermediação dos processos e da propriedade da mídia clássica.

Ninguém mais aceitaria hoje em dia uma sociedade excessivamente hierarquizada, autoritária, em que não se tivesse a possibilidade de exprimir-se, falar, dar sua opinião. Esta é a mudança: todo mundo acha normal *dar a sua opinião*, mesmo se admitimos cada vez mais rapidamente a necessidade de aprender a coabitar com opiniões divergentes (WOLTON, 2006, p.101).

Essa overdose de comunicação funcional banaliza a comunicação e a torna um incômodo, uma vez que a liberdade de expressão e de acesso à informação, antes vista como uma conquista democrática, agora vê a importância do seu papel social sendo corroído enquanto sujeita-se à superficialidade dos conteúdos da sociedade do espetáculo. Silveira (2009, p. 84) lembra que a extinção dos *gatekeepers* (cancelas ou filtros presentes no modelo de comunicação de massa), está intrínseca na regra universal da Internet, graças à chamada cultura hacker (Castells, 1999).

Dahlgren (2009) em seus estudos também leva em conta tanto as transformações proporcionadas pela internet nas práticas sociais, quanto os limites que constroem o pleno uso democrático das redes ancoradas na tecnologia. O autor mostra-se preocupado com a concretude do potencial cívico da internet diante da constatação de que o cenário da política continua o mesmo, ancorado no sistema formal e tradicional. As adesões a campanhas eleitorais, as ações da militância engajada, o lobby transparente e argumentativo mostram-se ativos na internet, com alcances provavelmente mais extensos.

É constante a realização de pesquisas com relação às implicações da internet através de estudos sobre as estruturas econômicas, os modelos de interação social, as práticas culturais e a geração de participação política. A perspectiva de espaço e lugar merecem tratamentos especiais. “As ciências sociais e humanas têm se preocupado sensivelmente com os espaços ocupados pelos processos sociais e culturais” (DAHLGREN, 2009, p.151).

Silveira (2009) salienta que a nova noção desse espaço de comunicação (virtual e abstrato) é antagônico à rigidez do local geográfico, mas esclarece que mais importante do que reconhecer essas diferenças é compreender “como o poder se manifesta em um espaço físico e em um espaço lógico”.

A este novo espaço Bauman (2003), citado por Costa (2005), associa a ideia de comunidades, em que a segurança de pertencer às comunidades reguladas por relacionamentos face a face teria se perdido, sucumbido a relações mais extensivas, sem vínculos claros de solidariedade e confiança. O avanço das tecnologias de comunicação que descaracterizam as relações teriam então conduzido os indivíduos à perda daqueles laços de pertencimento. Costa (2005: 238-239) defende que presenciamos hoje a complexificação dessas relações e a “transmutação do conceito de ‘comunidade’ em ‘rede social’”.

Neste novo conceito, redes são criadas e recriadas a todo momento, uma vez que para que isso aconteça, basta “a capacidade de interação dos indivíduos, seu potencial para interagir com os que estão a sua volta” ou ainda “...a capacidade de os indivíduos produzirem suas próprias redes, suas comunidades pessoais” (Costa, 2005: 239). Dahlgren (2009: 158-159) argumenta que podemos viver praticamente a maior parte do tempo entre redes sociais que se interconectam.

## **A Esfera pública no ambiente online e a participação civil**

Antes de abordar a questão da participação civil na esfera pública online, convém esclarecer o que neste trabalho reflete o conceito de esfera pública. Para isso, recorremos a Gomes (2006, p.56) que apresenta como proposta de interpretação para seu significado: “esfera pública como o domínio daquilo que é público, isto é, daquilo sobre a qual se pode falar sem reservas e em circunstâncias de visibilidade social”.

Tem-se, portanto, a esfera pública como local de discussão em que todos os atores civis podem não apenas opinar sobre questões públicas relevantes, como também participar de forma deliberativa de tais questões. É o espaço onde se propõe exercer a plenitude da democracia como sistema que cuida do que é comum ao coletivo. Gomes (2011, p.26) pontua como aspectos essenciais da democracia:

[...] o princípio da igualdade política, o corolário das liberdades, os procedimentos da deliberação livre e da aplicação do princípio da maioria na tomada de decisão política, o corolário de que o Estado é posse da cidadania e de nenhum outro soberano.

A questão que discutimos é se essa esfera pública pode ser transferida para o ambiente online uma vez que estamos vivendo a era da comunicação digital. Seria possível haver uma democracia online com os mesmos elementos que a caracterizam no ambiente offline? Haveria então uma nova democracia digital? Recorremos novamente a Gomes (2011, p.27) para compreender este novo termo:

Entendo por democracia digital qualquer forma de emprego de dispositivos (computadores, celulares, smart phones, palmtops, ipads...), aplicativos (programas) e ferramentas (fóruns, sites, redes sociais, medias sociais...) de tecnologias digitais de comunicação para suplementar, reforçar ou corrigir aspectos das práticas políticas e sociais do Estado e dos cidadãos, em benefício do teor democrático da comunidade política.

Veremos que a ação analisada neste trabalho demonstra ser uma tentativa do Estado neste sentido, uma vez que fomentou a participação popular nas esferas de decisão sobre políticas públicas do governo.

Vale lembrar que outras iniciativas públicas já foram realizadas no sentido de tornar uma realidade a democracia digital, entre elas estão: o projeto de petições online do parlamento britânico, a cidade digital de Hoogeveen, o projeto Youngscot, o Minnesota e-democracy, o projeto E-democracia da Câmara dos Deputados, o Portal Transparência Brasil e Contas Abertas.

## **O Portal Dialoga Brasil**

Lançado oficialmente no dia 28 de julho de 2015, o Dialoga Brasil foi anunciado como um espaço para participação digital em que as ideias provenientes de qualquer ator civil viram propostas para ajudar a melhorar ações do governo. A plataforma permite que os usuários criem ou “curtam” propostas de outros participantes, conheçam as principais iniciativas e programas do governo federal e participem de bate-papos virtuais com os ministros de cada uma das áreas envolvidas.

A plataforma Dialoga Brasil tem por objetivo apresentar 14 temas e 80 propostas prioritários do governo federal para que a população proponha melhorias nas políticas públicas que, segundo o próprio site, resultará na melhoria da vida dos brasileiros e brasileiras.

Debates sobre políticas públicas implicam responder à questão sobre o espaço que cabe aos governos na definição e implementação de políticas públicas. Não se defende aqui que o Estado (ou os governos que decidem e implementam políticas públicas ou outras instituições que participam do processo decisório) reflete tão-somente as pressões dos grupos de interesse, como diria a versão mais simplificada do pluralismo. Também não se defende que o Estado opta sempre por políticas definidas exclusivamente por aqueles que estão no poder, como nas versões também simplificadas do elitismo, nem que servem apenas aos interesses de determinadas classes sociais, como diriam as concepções estruturalistas e funcionalistas do Estado (FREY, 2006, p. 26 e 26).

O Portal ainda está em fase de apresentação dos temas e recebimento de manifestações. É necessário que o usuário de cadastre no *Dialoga* para poder elaborar e apoiar propostas, além de participar dos bate-papos. A fase seguinte, programada para iniciar em novembro de 2015, prometia que o governo federal iria responder aos usuários. Até fevereiro de 2016, essa fase ainda não havia sido iniciada. As três propostas mais apoiadas em cada programa serão submetidas às Conferências Nacionais de cada área e terão uma resposta oficial do governo.

Ponto bastante enfatizado nas comunicações do governo sobre a plataforma desenvolvida pelo Serpro para a Secretaria-Geral da Presidência, é que visa ampliar a participação da sociedade na elaboração de programas do governo por meio do estímulo da contribuição direta do cidadão nas principais ações governamentais. O objetivo é que as sugestões com maior adesão possam se transformar em aperfeiçoamentos ou em novas políticas públicas.

Em seu discurso de lançamento da plataforma, a presidente Dilma Rousseff destacou que o governo precisa da participação das pessoas e que o consenso tem um poder transformador:

É muito difícil governar um país da dimensão do Brasil sem ouvir as pessoas. É muito difícil governar um país do tamanho do Brasil sem perceber que as grandes iniciativas que tivemos até agora, elas quase todas vieram através de momentos de participação popular, de diálogos, de críticas, de comentários sobre a situação do país”, afirmou Dilma em seu discurso de lançamento do Dialoga Brasil.

Dentre os temas debatidos no *Dialoga Brasil* estão o programa Mais Médicos, a valorização dos professores, o incentivo ao parto normal e o Bolsa Família. Apesar de o governo anunciar que a plataforma possibilitaria o diálogo de programas sob 14 diferentes temas prioritários, até fevereiro de 2016, sete meses após seu lançamento, apenas cinco temas foram disponibilizados para participação: Saúde, Segurança Pública, Educação, Redução da Pobreza e Cultura.

O *Dialoga Brasil* foi desenvolvido com base no Noosfero, tecnologia web usada para a criação de redes

sociais. Baseada em software livre, integra ferramentas e funcionalidades de blog, fórum, chats, portfólios on-line, perfil de pessoas, comunidades, discussão temática e agenda de eventos no mesmo ambiente. Foi desenvolvido em código aberto para garantir maior segurança de dados e confiabilidade ao cidadão.

Além disso, é responsivo, ou seja, adaptável a dispositivos móveis, podendo ser acessado de maneira amigável em celulares e tablets. Interage diretamente com algumas das redes sociais mais utilizadas no Brasil: Facebook, Twitter, Whatsapp e Google+, o que permite compartilhar as propostas com as redes de contato dos usuários.

Alguns pontos limitam a participação do cidadão na plataforma. O primeiro é a exigência de um cadastro prévio, que o habilitará como usuário do portal. Além disso, caso o usuário queira incluir uma nova proposta, deverá fazê-la em um espaço de apenas 200 caracteres, o que impede um maior detalhamento da proposta e compromete a avaliação pelos demais usuários do portal.

### **Considerações finais**

Seguindo a reflexão do que foi apresentado até aqui, para que haja um a esfera pública é preciso que os usuários desempenhem um papel deliberativo por meio das mídias sociais, mais do que participarem ativamente no ambiente online, devem estar engajados, cobrando mudanças por parte das autoridades e externarem suas ações, transpondo o mundo virtual.

Portanto, no caso do portal *Dialoga Brasil*, a proposta de se criar um espaço para a discussão, para ouvir a sociedade foi cumprido em seu início, porém ainda é necessário um maior acompanhamento da ferramenta para se avaliar como se daria e de que forma o retorno concreto das manifestações em forma de deliberações. A falta de informação mais clara sobre essa fase pode comprometer o conceito do projeto, sob a ótica da criação de uma Esfera Pública online.

Outra conclusão clara é que o lançamento da ferramenta ocorreu em um cenário de visível insatisfação com relação ao governo federal, afirmação que pode ser comprovada por meio das pesquisas de satisfação/aceitação do governo Dilma no período em que o *Dialoga Brasil* foi lançado. Vale ressaltar ainda, que em meio às críticas recebidas pelo governo, a falta de diálogo sempre foi um tema em evidencia nos canais de comunicação e um ponto a ser melhorado nas análises realizadas pelos cientistas políticos.

Isso pode sugerir que a criação da plataforma pode ter sido motivada mais pela necessidade de melhorias de imagem e aceitação governamental por parte da sociedade, do que por uma intenção voltada à criação de ferramentas de comunicação e participação. Coloca-se aqui essa afirmação como uma hipótese que será verificada durante o acompanhamento do portal nos próximos meses a anos, que é a proposta dessa investigação.

De qualquer forma, parece haver, portanto, entendimento sobre as possibilidades inovadoras dessa tecnologia que transforma o cidadão em autor e o credencia, tecnicamente, ao debate. Porém, olhando do



ponto de vista da Internet como espaço de discussão, uma consideração final válida é de que, ainda que falte experiência em sua utilização por parte dos órgãos públicos e o sentimento de pertencimento por parte da sociedade civil, as TICs se apresentam como oportunidades de ampliação da esfera pública para o ambiente virtual.

Por fim, uma última consideração é a de que as novas tecnologias da informação não geram, por si só, redes de relacionamentos e debates. Essas são geradas pelas pessoas, que de acordo com seus interesses, expectativas e características, se apropriam da tecnologia para criar e recriar as teias que fazem emergir as redes sociais.

## REFERÊNCIAS

- CASTELLS, M. (2010). **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza.
- \_\_\_\_\_ (1999). **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ (2003). **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CASTRO, A. (2000). **Propaganda e mídia digital: a web como a grande mídia do presente**. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- COSTA, R. (2005). **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva**. In: Interface – Comunicação, Saúde, Educ, v.9, n.17, p.235-48, mar/ago.
- DAHLGREN, P. (2009). **Internet and Civic Potential**. In: Media and Political Engagement. Cambridge: Cambridge University Press.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. (2011). **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GOMES, W. (2011). **Participação política online: Questões e hipóteses de trabalho**. In.: Maia, R.; Gomes, W.; Marques, F. Internet e Participação no Brasil. Porto Alegre: Sulina.
- MAINIERI, T.; RIBEIRO, E. (2012). **As implicações das mídias sociais na comunicação organizacional**. In: OLIVEIRA, I.; MARCHIORI, M. (Orgs.). Redes Sociais, Comunicação, Organizações. 1ªed. São Caetano do Sul: Difusão Editora.
- MATTELART, A. (2006). **História da sociedade da informação**. 2ª ed. São Paulo: Loyola.
- NEIVA, R.; BASTOS, F.; LIMA, F. (2012). **A perspectiva relacional das redes sociais no contexto da comunicação organizacional**. In: OLIVEIRA, I.; MARCHIORI, M. (Orgs.). Redes Sociais, Comunicação, Organizações. 1ªed. São Caetano do Sul: Difusão Editora.
- RECUERO, R. (2004). **Redes Sociais na internet: considerações iniciais**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27, Porto Alegre, 2004. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom.

ROSSI, C. (2011). **Mídias Sociais: rumo à democracia participativa?**. Revista Sociologia, São Paulo, ed.37, p.12-19.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. (2010). **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus.

SANTOS, C. **Marketing Colaborativo** (2012). In Brambilla, A. (Org.). Para entender as Mídias Sociais – Volume 2. Salvador: Edições VNI.

TERRA, C. (2012). **Usuário-mídia: o curador das mídias sociais?** In Correa, E. (Org.). Curadoria digital e o campo da comunicação. 1ªed. São Paulo: Eca-USP.

SILVEIRA, S. (2009). **Esfera pública interconectada, blogosfera e redes sociais**. In: Esfera pública, redes e jornalismo. Rio de Janeiro: e-papers.

WOLTON, D. (2006). **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus..

### Referências online

DANTAS, H. **Infográfico: A história das mídias sociais**. Disponível em: <<http://comunicadores.info/2010/11/24/infografico-a-historia-das-midias-sociais/>>. Acesso em: 30 set. 2012

DEGÁSPERI, I. **Redes ou Mídias Sociais?** Disponível em: <<http://imasters.com.br/artigo/16052/redes-sociais/redes-ou-midias-sociais>>. Acesso em: 29 set. 2012

Franco, M. **O futuro a gente faz agora**. Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/especial/concurso-instagram-rio-20-686676.shtml>>. Acesso em: 06 out. 2012

LAMBLET, L. **Dia Mundial da Internet**. Disponível em: <<http://livialamblet.com/dia-mundial-da-internet/>>. Acesso em: 29 set. 2012

OLIVEIRA, N. **A História das Redes Sociais**. Disponível em: <<http://www.natanaeloliveira.com.br/a-historia-das-redes-sociais/>>. Acesso em: 30 set. 2012

QUARTO, L. **A palavra é... #hashtag. Hashoquê?** Disponível em: <[http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2011/08/noticias/especiais/934728-a-palavra-e---hashtag-hashoque.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/08/noticias/especiais/934728-a-palavra-e---hashtag-hashoque.html)>. Acesso em: 08 out. 2012

VASTAG, A. **Vencedores do Instawalk Planeta no Parque**. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/riomais20/2012/06/23/planeta-sustentavel-no-instagram-o-sucesso-dos-concursos-o-futuro-a-gente-faz-agora-e-instawalk-rio20/>>. Acesso em: 06 out. 2012

Portal Dialoga Brasil. Disponível em: [www.dialoga.gov.br](http://www.dialoga.gov.br). Acesso em 24/08/2015